



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**SAMBA DE COCO DA RUA SÃO JOÃO – A INFLUÊNCIA NEGRA NA  
FESTIVIDADE DE SÃO JOÃO DE ARACAJU – 1910-1930**

RAFAEL DE ANDRADE LIRA MIRANDA CAVALCANTE

SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2024

RAFAEL DE ANDRADE LIRA MIRANDA CAVALCANTE

**SAMBA DE COCO DA RUA SÃO JOÃO – A INFLUÊNCIA NEGRA NA  
FESTIVIDADE DE SÃO JOÃO DE ARACAJU – 1910-1930**

Trabalho apresentado à disciplina de Prática de Pesquisa como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em História, do Centro de Educação e Ciências Humanas, pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Professora Doutora Mariana Bracks Fonseca

SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

A jornada passada pelo curso de licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe não foi fácil, mas foi muito agradável, pois é o curso dos meus sonhos e eu amo aprender e ensinar conteúdos de História.

Para ultrapassar as dificuldades do curso eu tive apoio de muitas pessoas, por isso, dedico este trabalho a uma pessoa que ficou ao meu lado mesmo quando eu não tinha confiança para seguir, minha namorada e futura esposa, Clara Adão, dedico este trabalho também aos meus pais Luiz Emanuel e Flávia Rejane, por terem proporcionado uma estrutura de amor, carinho e me apoiado nos momentos difíceis. Gostaria de dedicar este trabalho aos meus primeiros alunos do estágio não obrigatório: Ana Paula Silva, Andrea Silva, Jorge Souto dos Santos, Josefina Nogueira, Rosilene Maria dos Santos e Luciano da Silva Lima que tanto me fizeram aprender ao ensiná-los, além de todos os alunos que ensinei no estágio obrigatório e tantos outros que ensinarei ao longo da minha carreira como professor.

Eu gostaria de agradecer também à pesquisadora, professora e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aglaé D'Ávila Fontes, pelas contribuições em seus livros e em questionário feito sobre o festejo de São João da rua São João.

Por fim, gostaria de agradecer a minha orientadora, professora doutora Mariana Bracks Fonseca pela orientação, compreensão, respeito e por guiar meus caminhos da melhor forma possível nesta reta final da licenciatura.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 FESTEJOS DE SÃO JOÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>3 BAIRRO INDUSTRIAL.....</b>	<b>11</b>
<b>4 BAIRRO SANTO ANTÔNIO .....</b>	<b>13</b>
<b>5 SAMBA DE COCO.....</b>	<b>14</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>18</b>
<b>8 FONTES.....</b>	<b>21</b>

# **SAMBA DE COCO DA RUA SÃO JOÃO – A INFLUÊNCIA NEGRA NA FESTIVIDADE DE SÃO JOÃO DE ARACAJU – 1910-1930**

Rafael de Andrade Lira Miranda Cavalcante

## **RESUMO**

O artigo tem como tema o samba de coco da rua São João entre os anos de 1910 e 1930, tendo como objetivo demonstrar a influência negra desta manifestação popular no festejo de São João realizado na rua São João da cidade de Aracaju, através da investigação da cultura popular, compreendendo a festividade de São João e entendendo as relações entre negros e a festividade de São João em Aracaju. Como ocorreu a influência negra com o samba de coco na festividade de São João da rua São João da cidade de Aracaju entre os anos de 1910 e 1930? Para alcançar os objetivos propostos, foram realizados os seguintes passos: Análise da diáspora africana e os movimentos culturais produzidos a partir deste marco, festejos de São João, história do bairro Industrial, história do bairro Santo Antônio, samba de coco, em conjunto com a análise de fontes para este trabalho os jornais Correio de Aracaju (1910-1930), Diário da Manhã (1916-1922) e Sergipe Jornal (1927-1928). Por fim, a conclusão que se pode inferir é que o samba de coco da rua São João influenciou o festejo de São João da rua São João, pois se tem indícios de relação sobre aquela manifestação cultural e a festividade de São João, mas que, por conta da oralidade e do caráter de difícil documentação da cultura popular é difícil encontrar mais informações.

**Palavras-chave:** Rua São João; Aracaju; Samba de Coco; Cultura Popular; Movimentos Culturais Negros.

## **ABSTRACT**

The article focuses on the coconut samba in Saint John Street between 1910 and 1930, with the aim of demonstrating the black influence of this popular manifestation on the Saint John festivities held in Saint John street in the city of Aracaju, by investigating popular culture, understanding the Saint John festivities and understanding the relationship between black people and the Saint John festivities in Aracaju. How did it happened the black influence with the coconut samba at the Saint John festivity on Saint John street in the city of Aracaju between 1910 and 1930? To achieve the proposed objectives, the following steps were taken: Analysis of the African diaspora and the cultural movements produced from this milestone, Saint John festivities, history of the Industrial district, history of the Saint Anthony district, coconut samba, together with the analysis of sources for this work the newspapers Correio de Aracaju (1910-1930), Diário da Manhã (1916-1922) and Sergipe Jornal (1927-1928). Finally, the conclusion that can be drawn is that the coconut samba of Saint John Street influenced the Saint John festivity in Saint John Street, since there are indications of a relationship between this cultural manifestation and the Saint John festivity, but it is difficult to find more information due to the orality and difficult nature of documenting popular culture.

**Keywords:** Saint John Street; Aracaju; Coconut Samba; Popular Culture; Black Cultural Movements.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso utilizei de várias fontes e referências para explicar a influência negra do samba de coco da Rua São João na festividade de São João na cidade de Aracaju entre os anos de 1910-1930. Em sua primeira parte, é conceituada a diáspora africana, é demonstrada a relação da diáspora com a produção de cultura dentro do continente americano, em seguida é desenvolvida a festa de São João no bairro Industrial e Santo Antônio entre os anos de 1910-1930 em que o samba de coco da rua São João é entendido como expressão cultural da diáspora negra, depois é retratada parte da história do Bairro Industrial, por conseguinte, é detalhado o que é o samba de coco, seguido de um tópico para especificamente o samba de coco da rua São João. O último tópico serve para retratar qual a influência negra do samba de coco para a festividade de São João da rua a qual a manifestação popular faz parte e a conclusão.

Este trabalho é de fundamental importância, pois há uma invisibilização da cultura popular negra e que é necessário construir um referencial teórico a respeito deste tema, devido à pouca exploração na historiografia sergipana, além de haver um reconhecimento social da relevância do tema de pesquisa, devido ao intenso debate sobre a contribuição dos povos afro-brasileiros na cultura local e nacional. A importância deste trabalho também pode ser percebida através da sua relevância científica acadêmica, visando publicizar contribuições para o campo da história cultural de Sergipe, mais especificamente de Aracaju, dos povos afro-brasileiros na história.

O recorte temporal entre os anos de 1910-1930 foi escolhido em decorrência do marco institucional do festejo de São João realizado nos anos 1910 por conta de uma comissão organizadora presidida pelo senhor Leobino Moura, chegando até o ano de 1930 como marco das principais festividades de São João dentro da cidade de Aracaju. O marco final da pesquisa se localiza também no ano de 1930 pois, além deste período, já se configura a influência do forró no festejo de São João na rua São João, não sendo este período objeto de pesquisa do meu trabalho.

O campo da história utilizado para o trabalho de conclusão de curso foi a História Cultural, baseada em estudar aspectos culturais, englobando cultura popular, cultura escrita e suas representações. Dentro da História cultural, o enfoque é na cultura popular, um tipo de

cultura que dá ênfase no povo e que envolve essa parte da população. É utilizado o conceito de “princípio da ausência”, disposto por Grada Kilomba no prefácio do livro de Frantz Fanon *Peles Negras, Máscaras Brancas*, edição da editora Ubu, em que algo que existe é tornado ausente e que espaços são embranquecidos, perpetuando o branco como regra. Inicialmente são utilizados conceitos de Paul Gilroy, importante autor dos estudos culturais contemporâneos, dispostos no livro *O Atlântico Negro*, para poder entender a produção destes cantos, danças, manifestações para a história da diáspora africana.

O termo diáspora é retratado, como de origem grega significando dispersão, utilizado principalmente pela movimentação espontânea de judeus no mundo. Ao longo do tempo, é utilizado com o significado de desagregação que espalha os negros africanos nos continentes, em decorrência do tráfico de escravos. Essa diáspora africana acontece em dois tempos diferentes: comércio de escravos a partir do século XV tanto no Oceano Atlântico quanto o Índico, levando mais de 10 milhões de pessoas para as Américas. O segundo momento acontece a partir do século XX, com a migração com destino a Europa, para as antigas metrópoles das colônias. A diáspora também pode ser designada como as pessoas descendentes de africanos e o patrimônio cultural constituído por essas pessoas na América e na Europa (LOPES, 2014).

É importante perceber que os conceitos relacionados a diáspora utilizados neste trabalho foram os constantes a partir do século XX e à população descendente de africanos junto ao patrimônio cultural criado por ela na América e Europa, pois as músicas de origem do Atlântico Negro serviram como distinção de cultura, ou seja, criando novas comunidades negras a partir do recriar, se adaptando às novas circunstâncias em que essa população estava naquele momento, criando um modo diferente de negritude (GILROY, 2001). O samba de coco da rua São João era uma destas manifestações populares de origem africana, em que era utilizada a zabumba para se dançar o samba de zabumba, dançado de uma maneira tão animada que às vezes se quebrava o tamanco ou o tijolo da casa (ALENCAR, 1990). O samba de coco, esteve presente nos primeiros momentos do festejo de São João na rua São João, nos idos de 1910, influenciando o São João na cidade de Aracaju, em que era dançado após as novenas (ALENCAR, 1990).

## **2 FESTEJOS DE SÃO JOÃO**

O festejo de São João chega ao Brasil através da colonização portuguesa, com fortes ligações no Nordeste Brasileiro, representando o início da colheita do milho e as rezas contra a seca. As celebrações eram realizadas por religiões pagãs no Hemisfério Norte e quando chegaram ao Brasil misturaram fundamentos das celebrações indígenas/africanas com as festas católicas que herdaram esse passado pagão (SIMAS, 2022). O santo junino São João é um dos santos que compõe os festejos católicos durante o mês de junho, junto ao Santo Antônio, São Pedro e São Paulo (ALENCAR, 1990). O dia do festejo de São João é o dia 24 de junho e está relacionado a este dia:

Maria, mãe de Jesus e Isabel (mãe de João Batista) estavam grávidas na mesma época, como ambas estavam com problemas de locomoção, combinaram que a que tivesse o filho primeiro acenderia uma fogueira para avisar do nascimento, foi então que no dia 24 de junho nasceu João. (SIMAS, 2022, p. 143-144)

Os festejos juninos no Nordeste têm suas origens nos meios rurais, pequenos lugares do interior, pequenas aldeias em que os vizinhos e parentes comemoravam os dias dos três santos juninos, depois chegando às metrópoles (CARVALHO; COSTA, 2022). Além da questão das origens rurais, as festividades juninas são muito importantes para o Nordeste “em termos de religiosidade, interesse cultural, identidade e economia local por fazer parte da cadeia produtiva do turismo regional” (NÓBREGA, 2022, p. 01).

O São João em Aracaju é uma grande alegria pois toda a capital vira um grande arraial em que “prédios e casas, ruas e avenidas, centro comercial e shoppings configuram o cenário das festividades. Eles são ornamentados com bandeirolas coloridas, palhas de coqueiro e balões multicores”(SANTOS; SILVA, 2008, p. 99).

Os festejos juninos também são bem importantes nas cidades de Campina Grande/PB e Caruaru/PE, momento em que ambas as festividades disputam o título de Maior São João do Mundo. O São João de Campina Grande/PB, surge como uma forma de catequizar os indígenas Ariús, utilizando de novenas e festividades no início do século XVIII. Nos anos de 1980, as comemorações de São João começam a ser realizadas pelo poder público municipal, retirando a comemoração dos bairros e concentrando-a no Palhoção (barracão de madeira com palhas de coqueiros), depois transformada no modelo atual, servindo de faturamento político, social, deixando os aspectos religiosos mínimos (NÓBREGA, 2010).

O São João de Caruaru já possuía bacamarteiros no final século XIX que celebravam as festas juninas em Caruaru. Já no século XX, as comemorações juninas aconteciam em espaços fechados nas vésperas de São João e São Pedro, além do São João na área rural. A

partir de 1960, as festas juninas começaram a ser feitas, predominantemente, nas áreas urbanas, levando culturas rurais para o espaço urbano (SILVA, 2010).

O São João em Aracaju é muito diversificado, possuindo várias manifestações, dentre elas o Arraial do Arranca Unha, localizado na antiga Caixa d'água, hoje Centro de Criatividade, localizado no bairro Cirurgia, ocorrendo, desde os anos de 1950-60, liderado pelo senhor João da Cruz (ALENCAR, 1990).

O jornal Correio de Aracaju, uma das fontes utilizadas, era focado em questões políticas internacionais e situações da economia do povo, além de estar ligado ao Partido Republicano até o ano de 1930 (MELO, 2021). O jornal também fazia propagandas exageradas sobre os políticos do estado, considerado como um órgão de situação (CRUZ, 2016). A página do jornal Correio de Aracaju (1928, p. 04) trata sobre festividades de São João no bairro Aribé (atual Siqueira Campos), além das festividades das ruas Bomfim, Victória e na rua São João. O bairro Aribé (Siqueira Campos) era um território de maioria negra, extremamente pobre, oriunda da migração do campo para a cidade entre os séculos XIX e XX, em que se podia ficar longe da polícia e da discriminação que as pessoas sofriam na época da sociedade da cidade de Aracaju (FILHO, 2010).

Além do festejo junino da rua São João, Victória e Bomfim, são bem conhecidos na cidade de Aracaju o Forró-Caju que surge no ano de 1993 na gestão do prefeito Jackson Barreto, realizado inicialmente na Praça Fausto Cardoso, no Centro de Aracaju e o Arraiá do Povo, criado nos anos de 2015/2016 e realizado na Orla de Atalaia (PAULINO, 2017).

A rua pode ter sentido de passagem, da festa, da segregação social e também ainda preserva o sentido do encontro, em que o cotidiano e o espaço de relações sociais formam a sociedade urbana. É possível, através da rua, se entender o imprevisto, improvisação e até o que é espontâneo, pensando a rua como um evento. A rua também nos dá pistas sobre o mundo real, a vida e sobre as pessoas, além de a apropriação da rua feita pelas pessoas muda o sentido da rua (CARLOS, 2007).

A rua São João, localizada no bairro Santo Antônio e Industrial, possui uma grande história sobre seus festejos juninos, principalmente o festejo de São João que ocorreu “no final do século XIX, início do século XX, com a predominância das atividades de caráter religioso, como celebração de novenas, trezenas e procissões, organizadas no mês de junho, em homenagem a São João.” (SANTOS; SILVA, 2008, p.100). A festividade de São João, realizada na rua São João, teve início na casa de duas senhoras moradoras de um sítio na Mata

dos Caboclos, a novena começava no mês de junho e terminava no dia de São João em procissão junto aos outros moradores, sequer havia calçamento na rua de São João nos anos de 1910, com moradores pobres que viviam em casas de palha (ALENCAR, 1990). Natural dizer que as casas de pau-a-pique, pilão de taipa e cantaria tem em sua composição conhecimentos africanos (SILVA, DIAS, 2020, apud CUNHA JÚNIOR, 2010; FARIA, 2011).

A procissão acabou sendo aceita não só na rua São João, mas também no bairro Santo Antônio, Mané Preto e Industrial, fazendo com que o trajeto realizado pela população precisasse ser ampliado (NUNES, 2022).

Ao longo do tempo, com a criação de uma comissão para a organização dos festejos no ano de 1910, presidida pelo senhor Leobino Moura, foi acrescentada a colocação de um mastro entre os dias 31 de maio e 1º de junho, retirado da mata do Mané Preto, colocado naquele ano e retirado no ano posterior, em que era substituído por outro. Além da colocação do mastro entre os dias 31 de maio e 1º de junho, eram colocadas bandeirolas, feitas fogueiras para São João comidas típicas eram passadas de casa em casa, mesmo não havendo energia elétrica, as casas sendo de palha, o chão de areia, tudo era feito para o santo (ALENCAR, 1990). É importante observar o protagonismo popular negro na festividade, existindo sem a intervenção da Igreja, somente tendo interferência sobre a festividade no ano de 1966, com a celebração da missa campal na rua São João (ALENCAR, 1990).

As fontes utilizadas para a pesquisa durante os anos de 1910-30 foram os jornais Correio de Aracaju, Diário da Manhã e Sergipe Jornal, o Correio de Aracaju cita o festejo de São João na rua São João poucas vezes, dentre elas entre as datas de 23-25-26 de junho de 1928, no jornal Correio de Aracaju, em que o dia 23 de junho “promete um festejo interessante”, o dia 25 de junho como o festejo de São João foi realizado na rua São João “ornamentação estava aprimorada e a iluminação feérica.”, de forma diferente de como a zona norte de Aracaju era retratada no jornal Correio de Aracaju, chamada cidade de palha na página 02 consta como primeira aparição no jornal neste período. Há de se ressaltar que as casas de palha iam contra o ideal de modernidade imposto desde a mudança da capital, em que os códigos de posturas (1856, 1912 e 1926) buscavam liberar a cidade das doenças e ao mesmo tempo embelezar a cidade, fazendo com que aqueles que não pudessem seguir o código de condutas tivessem que procurar construir suas casas em outros locais (CRUZ, 2016).

O jornal Diário da Manhã era um meio de comunicação do Partido Republicano Conservador de Sergipe e Sergipe Jornal também era um jornal que defendia o governo da época, inclusive criado por Pereira Lobo (CRUZ, 2016). Ambos os jornais foram analisados no mesmo período de 1910-1930 e muitas vezes reproduzem uma hagiografia sobre o santo junino

São João ou tratam sobre “os raros côcos presenciados na cidade”, além de retratarem de forma indeterminada sobre a festa de São João na cidade de Aracaju e citam:

Não obstante o esmaecimento gradativo das nossas tradições, a despeito do convencionalismo das ideias evolucionistas que procuram aniquilar o passado, as festas consagradas ao santo precursor do Prometido das gentes [...] ainda contam com fiéis adeptos, fervorosos crentes, que vão enfrentando a apatia do tempo e mantendo o culto ao passado. (Sergipe Jornal, 23 de junho de 1928, p. 01)

Ao analisar todos os jornais fontes da pesquisa é possível observar que os jornais representavam o ideal da elite aracajuana, principalmente os ideais dos políticos governistas, não interessando a essa população o que acontecia fora do quadrado de Pirro. A ausência dos populares nos jornais pode ser observada quando são poucas ou até inexistentes as menções para as festividades populares em outras regiões da cidade de Aracaju. As classes mais pobres, por exemplo, eram consideradas pela elite por terem costumes reprováveis que não combinavam com a cidade de Aracaju, precisando ser criadas leis para garantia da ordem e as festas populares da cidade eram acompanhadas da presença policial (CRUZ, 2016)

É importante também retratar as histórias dos bairros nos quais a rua São João está inserida, eles são: o bairro Industrial e o bairro Santo Antônio, pois a procissão da festividade de São João da rua São João passava não só pelo bairro Santo Antônio, mas também pelo bairro Industrial.

### **3 BAIRRO INDUSTRIAL**

O bairro Industrial é um dos bairros entre os 39 que a cidade de Aracaju possui, fica na Zona Norte, perto do Centro da cidade (JESUS, 2021). O povoamento do bairro Industrial começou a acontecer no início do século XIX, inicialmente como uma colônia de pescadores e os seus casebres (GRAÇA, 2005). A ocupação do bairro foi acelerada pela mudança da capital da província de Sergipe d’el Rey de São Cristóvão para Aracaju, atraindo migrantes de outras cidades da região buscando melhores condições de vida (JESUS, 2021). O bairro industrial, na primeira metade do século XIX se chamava Maçaranduba, pois possuía uma grande quantidade desse tipo de madeira na região, vindo a se chamar na segunda metade do século XIX, Chica Chaves, por conta de uma moradora famosa na região, nascida entre as fontes de Manuel Preto e o Engenho Velho, chegou a ser chamado de Tecido, por conta da instalação das indústrias Sergipe Industrial e Confiança, até que no dia 13 de setembro do ano de 1920, foi designado o nome que se conhece atualmente, bairro Industrial (GRAÇA, 2005).

É importante frisar que a cidade de Aracaju surge com um plano e decretos com padrões de ruas e estilo de arquitetura que deveriam ser obedecidos para as residências e comércio, fazendo com que a população mais pobre se afastasse do centro da cidade, planejado pelo engenheiro Sebastião Basílio Pirro (JESUS, 2021).

No começo do século XX a estrutura interna da cidade de Aracaju possuía dois núcleos fora do centro da cidade: bairro Industrial, no norte da cidade, núcleo das fábricas de tecido da cidade e a colina do Santo Antônio, no noroeste, que ainda era um povoado (GRAÇA, 2005).

É notável dizer que “a população afro-aracajuana foi empurrada para as áreas de fronteiras, onde a cidade se expandia e a fiscalização era menos eficaz” (NETO, 2016, p. 61). O autor retrata que a Estrada Nova, junto com outras localidades tais quais a Rua de Catinga e Jabotiana, eram regiões de fronteiras em que a população negra estava presente (NETO, 2016).

É importante notar que houve também uma alta migração para a cidade de Aracaju após a promulgação da Lei Áurea, levando a população aracajuana a mudar de 9559 habitantes, no ano de 1872, 37% de brancos, 35% de pardos, 27,6% pretos, 0,4% caboclos, indo para o número de 16.336 habitantes, no ano de 1890, com 33,5% brancos, 13,5% pretos, 4% caboclos e 49% mestiços (DOMINGUES, 2023). Além da alta migração para a cidade de Aracaju, havia também uma população liberta entre o Santo Antônio e o Industrial “não era uma simplória praia de pescadores. Havia muitos pretos livres e daí o maior número de suas casas de palha, mas havia casas de telha e muita gente branca.” (SOBRINHO, 1955, p. 75).

Este trabalho está inserido no período da Primeira República (1889-1930), em que era aceita a teoria das raças ou darwinismo social, em que a miscigenação era vista como ruim para a evolução social e, portanto, deveriam ser enaltecidos os tipos “puros”, enquanto que os negros eram colocados como seres inferiores na hierarquia racial (SCHWARCZ, 2021). É possível observar a incidência dos ideais baseados na teoria de Herbert Spencer em Sergipe através da figura de Felisbelo Freire, médico, adepto da escola de Recife, presidente da província de Sergipe nos primeiros anos da República, acreditava que existia uma hierarquia entre as três raças, sendo o português o que mais influenciou no Brasil (ALBUQUERQUE, 2021). Felisbelo Freire também se preocupou em defender o branqueamento da população sergipana, chegando a incentivar a fundação de colônias estrangeiras no Vale do Vaza-Barris. Ademais, Felisbelo Freire, era hostilizado pela sua origem mestiça negra, desconsiderado pela sociedade sergipana conservadora (ALBUQUERQUE, 2021).

Um outro intelectual sergipano da mesma época que Felisbello Freire e que perpetuava ideais sobre teorias raciais é o Sílvio Romero, um dos fundadores da Escola do Recife, ele encontrava no mestiço uma condição para a vitória do branco no país, sendo fiel seguidor do determinismo racial, criando uma revista oficial que tem suas atividades desde 1891 até 1930 (SCHWARCZ, 2021).

Há de se salientar também na Primeira República (1889-1930) o ideal higienista também estava em voga, mais especificamente sanitaria, em que a doença estava relacionada ao meio ambiente, devendo o espaço e a sociedade serem medicados. A concepção médica da época era pra enfrentar a propagação de epidemias e doenças contagiosas, intervindo principalmente em lares pobres e desordeiros, ou seja, o planejamento urbano não era para a cidade toda, mas somente para as áreas de interesse das elites políticas e econômicas, fazendo com que a população negra e da periferia da cidade não tivesse os seus interesses atendidos pelas mudanças propagadas pelos ideais higienistas e eugenistas (ALVIM; FILHO, 2022). É possível observar essa realidade a partir da década de 1920, em que começam os processos de desapropriação por conta da falta de higiene da população pobre, eliminação de áreas consideradas impróprias para Aracaju, dando lugar às linhas de bondes, escondendo a realidade aracajuana, além disso, essa população deveria ser ensinada sobre higiene, mas, por conta da baixa instrução da população, este aprendizado sobre higiene ficava cada vez mais difícil (CRUZ, 2016).

#### **4 BAIRRO SANTO ANTÔNIO**

O bairro Santo Antônio fica localizado na zona noroeste de Aracaju, foi local da primeira sessão preparatória para a mudança da capital de São Cristóvão para o Povoado do Aracaju, além de ter sido sede provisória, por alguns meses, da cidade de Aracaju (CALASANS, 1992). Após a criação do Centro de Aracaju, o povoado Santo Antônio continuou a ficar distante da cidade até que no ano de 1857 foi criada a Estrada Nova (atual Avenida João Ribeiro) ligando a cidade de Aracaju ao povoado Santo Antônio (PORTO, 1945).

A partir do início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial, a situação econômica de Aracaju melhorou bastante, por conta do aumento do preço do algodão e do açúcar, entregando melhorias estruturais que chegaram à cidade como água encanada, bondes puxados por animais, energia elétrica, saneamento e o telefone (VILAR, 2006). O povoado Santo

Antônio se torna bairro Santo Antônio dentre vários outros que surgiram na mesma época, tal qual o 18 do forte e Aribé (atual Siqueira Campos) (CAMPOS, 2006).

No início do século XX, o samba de coco estava presente na rua São João, era dançado após as novenas e que se assemelhava ao coco de parelha. A rua São João se conecta ao bairro Santo Antônio e Industrial (FONTES, 1990).

## 5 SAMBA DE COCO

Historicamente o coco é herdeiro das práticas denominadas pejorativamente como “batuques”, com as primeiras representações destes no ano de 1647, através dos olhares do pintor Frans Post e do escrivão de Maurício de Nassau, Zacharias Wagener (TINHORÃO, 2008).

O coco é, ao mesmo tempo, gênero musical e evento do povo com música, dança e poesia. Estas manifestações estão presentes no Nordeste do Brasil, principalmente nas áreas rurais de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (SILVA; SANTOS, 2023). Os cocos são divididos de acordo com as coreografias, instrumentos musicais, métrica, local e função (SILVA; SANTOS, 2023). São designados os mais diferentes tipos de cocos: cocos de zambê, coco de praia, cocos de usina (ANDRADE, 2002), as divisões podem ser detalhadas em:

Os cocos podem ser denominados de acordo com aspectos coreográficos (fig.1): coco de roda, samba de coco, também conhecido como “mazarca” (SESC, 2018: 19), coco de umbigada, coco solto, coco de pareia (dança de pares), coco cruzado; de acordo com a instrumentação: coco de ganzá, coco de mão, coco de tebei<sup>2</sup>, coco de zambê; de acordo com a métrica: trava-língua, coco de embolada, coco de oitava, coco de improviso; de acordo com o local da *performance*: coco de praia ou praieiro, coco de usina; de acordo com a função ritual: coco de jurema, coco de toré; entre outros. (SILVA; SANTOS, p. 196)

Os cocos também são caracterizados pela forma de dueto entre solo e coro, denotando um caráter antifônico (ANDRADE, 2002). Esta forma também é bem característica das manifestações artísticas oriundas da diáspora, em que há um chamado e uma resposta, sendo ligada a improvisação, montagem e dramaturgia (GILROY, 2001).

É notável como o coco é uma música oriunda da diáspora africana, simbolizando a resistência negra em grande parte do Nordeste Brasileiro (SILVA; SANTOS, 2023). Alguns sinais de que os cocos têm fortes marcas da cultura negra são:

Os instrumentos utilizados, todos de percussão (ganzá, zabumba ou bumbo, zambê, caixa ou tarol), o ritmo, a dança com umbigada ou simulação de umbigada e o canto com estrofes seguidas de refrão cantado pelo solista e pelos dançadores. Esses elementos aparecem também no batuque, no samba-lenço paulista, no jongo, no samba de partido alto, no samba de roda da Bahia. (AYALA, 1999, p. 212)

É importante ressaltar que os cocos podem ser comoventes, referentes aos trabalhos, cantos de trabalho legítimos ou até mesmo ligados ao pastoreio e aqueles sobre trabalhos do engenho. Os cocos também possuem liberdade de compassos, podendo ser dois-por-quatro, seis-por-oito e até quatro-por-quatro. Improvisar é algo presente nos coqueiros, envolvendo-os de sutileza, ao mesmo tempo em que há uma luta entre ritmo e compasso (ANDRADE, 2002).

O samba de coco em Sergipe possui uma grande importância, por exemplo, o samba de coco de Laranjeiras, especificamente no povoado Mussuca, em que um grupo de mulheres bate palmas, pisam com tamancos de forma mais intensa e se mexem com vestido coloridos (JESUS, 2019). Este samba de coco surge de um ritual da quebra do coco e extração da polpa, gerando a batida e ritmo da dança (JESUS, 2019). O samba de coco também está presente no bairro Mosqueiro na cidade de Aracaju, esta festividade tem mais de um século e não se resume ao mês de junho, podendo acontecer em qualquer dia, desde que tenha algum tipo de motivação para acontecer, estando ligada ao pagamento de promessas, junto à festividade de Bom Jesus dos Navegantes (RABELO, 2022).

A rua São João está localizada no bairro Industrial e Santo Antônio, próxima da antiga Estrada Nova (Avenida João Ribeiro) no sentido sul e está ao norte de uma mata em que era retirada lenha para a fábrica de tecido próxima ao rio Sergipe (NUNES, 2020). Em fevereiro de 1910:

Alguns afirmavam que a rua se chamava “Rua da Palha” (devido, talvez, às suas casas serem na maioria de pau a pique, cobertas de palha de coqueiro dobradas), mas depois o nome foi mudado oficialmente para Rua São João, devido às frequentes homenagens ao santo junino. (NUNES, 2020, p. 16)

O samba de coco da rua São João era um samba que era dançado após a procissão nas casas das pessoas e que era uma espécie de coco de parelha (ALENCAR, 1990). A pesquisadora Aglaé Fontes D’Ávila também traz relatos de moradores da rua São João, detalhando como eram feitas as festividades:

Não tinha quadrilha não. Era samba nas casas particulares. Fazia samba de “pareia”boa. Eu dancei muito. Samba assim solto, que se chamava: samba de zabumba, com muita zabumba. Os moradores todos unidos, muito unidos. Tudo fazendo suas festinhas, arrumando as frentes das casas com bandeira, com fogueira, mastro – D. Detinha (ALENCAR, 1990, p. 97).

Além do samba de coco dançado durante o São João, o samba de coco era dançado nos terrenos da Cidade Nova (atual local do quadrilhódromo) de propriedade de João José, nos finais de semana, divertindo com zabumbas, samba de coco e parea (NUNES, 2020). Em outro depoimento colhido pela pesquisadora, grande conhecedora da cultura sergipana Aglaé Fontes, uma moradora chamada Luizélia, moradora desde a tenra idade da rua São João até os seus 46 anos diz:

Primeiro tinha a troca do mastro. Era no dia 31 de maio para 1º de junho e tinha aquela fofoca toda. O Capitão (João José, antigo proprietário dos terrenos da Cidade Nova) dava o mastro, o pessoal ia apanhar. Traziam no caminhão. Chegavam aí na entrada, que era um bequinho e ali arriava. O mastro ficava. Então os moradores cantando, tocando samba. Aquele “seu” Quendera vinha pra aqui e começava aquele pife a tocar, a zabumba a bater. (ALENCAR, 1990, p. 96)

É mencionado que o coco gerava tanto ânimo que até no fim da noite quebrava-se o tamanco ou o tijolo da casa (ALENCAR, 1990). Além disso, outro relato trata da enorme presença de casas de palha na região, em que a pessoa que deu o relato (D. Detinha) sentia saudades das casas de palha, dizia que poucas pessoas tinham casas com telha (ALENCAR, 1990).

É possível perceber, através das fontes pesquisadas: Correio de Aracaju, Estado de Sergipe e Diário da Manhã que os principais festejos juninos são aqueles ligados ao Centro da cidade de Aracaju, somente no ano de 1928 é citado o festejo da rua São João, mas sem sequer falar sobre o samba de coco da rua São João:

A rua de São João, no Bairro Santo Antonio, esteve magnífica. A ornamentação estava aprimorada e a iluminação feérica. Imponente, deslumbrante, foi o espetáculo que se avistava do alto de Areia, em cuja baixada os *heroes* queimavam os fogos, resultados de muitos dias de labor. (CORREIO DE ARACAJU, 1928, p. 01)

É notável que, o samba de coco, por ter origem negra e da periferia da cidade, não aparece retratado nos jornais, o que pode ser visto como uma forma de promoção do “Princípio da ausência”, em que o produto de uma comunidade negra é tornado ausente, inexistente (KILOMBA, 2020). O que se fez foi uma forma de tornar os espaços brancos e a branquitude é colocada como norma universal, silenciando a influência negra do samba de coco no festejo de São João na rua São João (SILVA; SILVA, 2022). Este embranquecimento é percebido através do apagamento do samba de coco das fontes jornalísticas, comandadas pela elite branca aracajuana, sequer citando esta manifestação mesmo estando presente na cultura aracajuana, sobrevivendo apenas na memória de algumas pessoas.

A branquitude é construção ideológica do poder nascida do projeto da colonização europeia, em que a superioridade estética é um dos traços desta branquitude, em que há um

silenciamento das desigualdades raciais e sociais, com a raça vista como hierarquia e não como diferença (CARDOSO, 2017).

A influência negra pode ser vista, tanto na distribuição da população negra nos bairros Industrial e Santo Antônio, oriundas de uma população recém liberta, a Estrada Nova e seus arredores eram locais que as pessoas negras estavam muito presentes, também pode ser vista na presença de instrumentos de percussão no samba de coco da Rua São João, como por exemplo a zabumba, além do exercício de coro, variações, desafio nos versos, comum às manifestações culturais de origem africana.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O samba de coco é uma manifestação oriunda da diáspora africana, inserida entre as manifestações dos cocos, muito comum na região do Nordeste, estando presente inclusive na cidade de Aracaju, especificamente no surgimento do festejo de São João na rua São João em meados de 1910. A rua São João, local de protagonismo negro em que o samba de coco era dançado, povoado por uma população negra solidária que não poderia viver no Centro da cidade em decorrência dos códigos de conduta postulados aos moradores, aumentado consideravelmente no período pós-abolição, devendo viver segregados da parte central da cidade. A eugenia, higienismo e teorias raciais eram o que preponderavam entre os anos de 1889 e 1930, perseguindo a população pobre e negra, dificultando o acesso às moradias no centro da cidade e perseguindo o que fosse produzido por pessoas negras. O samba de coco está presente na primeira comissão institucionalizada do festejo de São João da rua São João, com a zabumba tocando e as pessoas dançando até “quebrar as telhas ou os tamancos”, essa prática se perdeu ao longo do tempo e somente restam memórias do que ela já foi um dia.

A conclusão que se pode inferir é que o samba de coco da rua São João influenciou o festejo de São João da rua São João, pois se tem indícios de relação sobre aquela manifestação cultural e a festividade de São João, mas que, por conta da oralidade e do caráter de difícil documentação da cultura popular é difícil encontrar mais informações. Além do mais, é possível perceber a influência negra no festejo de São João da rua São João pela sua origem de uma população de grande parte negra, iniciando seus festejos no século XIX e mantendo-os até a atualidade. É importante ressaltar que o festejo de São João da rua São João é o mais tradicional e um dos mais importantes da cidade de Aracaju, envolvendo não só o bairro Santo Antônio,

mas também o bairro Industrial que é limítrofe. Também é importante destacar que o contexto de produção do samba de coco foi em um momento conturbado da História do Brasil, em que as teorias raciais estavam em voga e tudo que era relacionado ao negro era considerado inferior, dificultando com que essas práticas pudessem ser mantidas, fazendo com que a influência desta prática fosse esquecida e que a influência negra desta festividade fosse esquecida e embranquecida. É fundamental reconhecer a matriz africana do samba de coco, pois é um movimento de fortalecimento das culturas afro-diaspóricas, valorizando as pessoas negras e o que elas produziram durante as suas vidas. É notável que a sociedade sergipana mudou suas concepções sobre o samba de coco, mas ainda desconhece o papel do samba de coco da rua São João. Logo, o samba de coco da rua São João, como instrumento de resistência da comunidade negra dos bairros, não resistiu ao curso do tempo, tendo sua contribuição silenciada e foi tornado ausente das fontes jornalísticas pela branquitude que controlava os meios de comunicação da época, sobrevivendo apenas na memória de algumas pessoas.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Felisbelo, Thetis e Ibarê**: contribuições aos estudos de história da historiografia. 1ª edição. Editora UFS, São Cristóvão, 2021.

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. **São João é coisa nossa**. Aracaju. FUNDESC/Ed. J. Andrade, 1990.

ANDRADE, Mário de. **Os cocos**. 2ª edição. Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 2002.

AYALA, Maria Ignez Novais. Os Cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX. *Revista Estudos Avançados*. 1999, vol. 13, n. 35, pp. 231-253. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/Dhhngnxcn7TChHkjXyDPXTJ/>>. Acesso em 07/03/2024.

CAMPOS, Antônio Carlos. A construção da cidade segregada: o papel do Estado na urbanização de Aracaju. In: ARAÚJO, Hélio Mário. **O ambiente urbano**: visões geográficas de Aracaju. 1ª edição, Editora UFS, São Cristóvão, 2006.

CARDOSO, Lourenço. MÜLLER, Tânia Mara Pedrosa (org.). **Branquitude** – Estudos sobre a identidade branca no Brasil; 1ª edição, Appris Editora, Curitiba, 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. 1ª edição, Editora FFLCH, São Paulo, 2007.

CARVALHO, Bruna Franco Castelo Branco; COSTA, Claudiene dos Santos. Festas de São João: Das Origens à Atualidade. In: RIBEIRO, Rita; ARAÚJO, Emília; SILVA, Márcia; FERNANDES, Alberto (ed.). Festividades, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade. Braga: UMinho Editora, 2022, p. 73-83. Disponível em: <<https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/book/73>> . Acesso em 20/03/2024.

CRUZ, Jeferson Augusto da. **UMA MÃO DE VERNIZ E O TABULEIRO DE PIRRO: Ecos da Belle Époque em Aracaju (1918-1926)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016, Disponível em <[www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1376](http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1376)>. Acesso em 04/04/2024.

DOMINGUES, Petrônio (Org.). **Do cativo à cidadania: o pós-abolição em Sergipe**. 1ª edição, Editora UFS, São Cristóvão, 2022.

FILHO, Florival José de Souza. **CANDOMBLÉ NA CIDADE DE ARACAJU: TERRITÓRIO, ESPAÇO URBANO E PODER PÚBLICO**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, 2010, Disponível em <[ri.ufs.br/bitstream/riufs/6329](http://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6329)>. Acesso em 03/04/2024.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. 1ª edição, Editora 34, Rio de Janeiro, 2001.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **De maçanduba a industrial: história e memória de um lugar**. Funcaju, Aracaju, 2005.

JESUS, Erica Andrade de. **Aracaju na primeira metade do século XX: operariado feminino e história local**. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/14722>>. Acesso em 13/03/2024.

JESUS, Juliana de. **Museu afro: instrumento de salvaguarda do patrimônio cultural da cidade de Laranjeiras/SE**. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Biblioteconomia e documentação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/12640>>. Acesso em 28/03/2024.

KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Ubu editora, São Paulo, 2020.

LOPES, Nei. **Enciclopédia da Diáspora Africana**. 4ª edição, Selo Negro, São Paulo, 2011.

MELO, Joyce Santos. **O JORNAL CORREIO DE ARACAJU: A INSTAURAÇÃO DO ESTADO NOVO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em <[ri.ufs.br/handle/riufs/14799](http://ri.ufs.br/handle/riufs/14799)>. Acesso em 04/04/2024.

NETO, Edvaldo Alves Souza. “**Ô LEVANTA NEGO, CATIVEIRO SE ACABOU**”: EXPERIÊNCIAS DE LIBERTOS EM SERGIPE DURANTE O PÓS ABOLIÇÃO (1888-1900). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em <<https://ri.ufs.br/hande/riufs/5653>>. Acesso em 19/03/2024.

NÓBREGA, Zulmira Silva. **A FESTA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO – DIMENSÕES CULTURAIS DA FESTA JUNINA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE**. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em <[repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8976/1/Zulmira%20Nóbrega.pdf](http://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8976/1/Zulmira%20Nóbrega.pdf)>. Acesso em 03/04/2024.

NÓBREGA, Zulmira Silva. A FESTA DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO: ANIMAÇÃO PARA TURISTAS E RESIDENTES. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*. 2012, vol. 2, n. 01, pp.75-92. Disponível em <<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/576>>. Acesso em 03/04/2024.

NUNES, Djenal. **Seu Antônio** – Amor à rua São João. 1ª edição, Aracaju, 2022.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes da cidade de Aracaju**. 1ª edição, Gráfica Editora, Aracaju, 2003.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **A cidade do Aracaju: 1855-1865: ensaio de evolução urbana**. 1ª edição, Aracaju, 1945.

RABELO, Josevânia Nunes. **Territorialidade e com-vivência nas dinâmicas espaciais de um bairro: Mosqueiro**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/17208>>. Acesso em 28/03/2024.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes; SILVA, Priscila Santos. **DAS NOVENAS À FESTA URBANA:** Breve histórico dos Festejos Juninos da rua São João. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** – cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930. 19ª reimpressão, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2021.

SILVA, F.C.G; SILVA, R. A. Da Ausência à Evidência: Notas teórico-críticas sobre o Princípio da Ausência, Epistemicídio e e Reparação Epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. In: *Revista de Documentação e Ciência da Informação*, v. 13, p. 47-72,2002. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/194447>>. Acesso em 05/04/2024.

SILVA, Eriva; SANTOS, Eurides. Coco de roda: música, resistência e cosmovisões afro-indígenas na Paraíba. In: MARTINS GONÇALVES, Inez Beatriz de astro; RABELO, Thais (ed.). Nordeste. Vitória: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2023. P. 194-225. (Histórias das Músicas no Brasil). Disponível em <[www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/book/39](http://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/book/39)>. Acesso em 05/04/2024.

SILVA, Lucas César Rodrigues da; DIAS, Rafael de Brito. As tecnologias derivadas da matriz africana no Brasil: um estudo exploratório. *Linhas Críticas*, v. 26, p. 1-15, 2020. Disponível em <[periódicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/28089](http://periódicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/28089)>. Acesso em 05/04/2024.

SOBRINHO, Sebrão. **Laudas da História do Aracaju**. 1ª edição, Prefeitura de Aracaju, Aracaju, 1955.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil** – Cantos, danças, folguedos: origens. 3ª edição, editora 34, São Paulo, 2012.

VILAR, José Wellington Carvalho. Evolução da paisagem urbana do Centro de Aracaju. In: ARAÚJO, Hélio Mário. **O ambiente urbano:** visões geográficas de Aracaju. 1ª edição, Editora UFS, São Cristóvão, 2006.

## 8 FONTES

Correio de Aracaju (1910-1930):

Correio de Aracaju, 25 de junho de 1910. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4705>.

Correio de Aracaju, 29 de junho de 1910. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4706>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1911. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4847>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1911. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4848>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1912. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4985>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1912. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4986>.

Correio de Aracaju, 30 de junho de 1912. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/4987>.

Correio de Aracaju, 22 de junho de 1913. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5172>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1913. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5173>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1913. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5174>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1913. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5175>.

Correio de Aracaju, 29 de junho de 1913. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5176>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1914. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5444>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1914. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5445>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1914. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5446>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1914. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5447>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1915. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5721>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1915. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5722>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1915. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5723>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1916. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5857>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1916. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5858>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1916. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5859>.

Correio de Aracaju, 29 de junho de 1916. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/5860>.

Correio de Aracaju, 22 de junho de 1917. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6107>.

Correio de Aracaju, 25 de junho de 1917. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6108>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1917. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6109>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1917. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6110>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1917. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6111>.

Correio de Aracaju, 22 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6366>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6367>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6368>.

Correio de Aracaju, 29 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6369>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1920. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6560>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1920. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6561>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1922. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6826>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1922. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6827>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1922. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6828>.

Correio de Aracaju, 29 de junho de 1922. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6829>.

Correio de Aracaju, 20 de junho de 1927. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7115>.

Correio de Aracaju, 22 de junho de 1928. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7375>.

Correio de Aracaju, 23 de junho de 1928. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7376>.

Correio de Aracaju, 25 de junho de 1928. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7377>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1928. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7378>.

Correio de Aracaju, 27 de junho de 1928. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7379>.

Correio de Aracaju, 30 de junho de 1928. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7381>.

Correio de Aracaju, 25 de junho de 1930. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7737>.

Correio de Aracaju, 26 de junho de 1930. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7738>.

Correio de Aracaju, 28 de junho de 1930. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7745>.

Correio de Aracaju, 30 de junho de 1930. Disponível em  
 <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/7748>.

Diário da Manhã (1916-1922):

- Diário da Manhã, 23 de junho de 1916. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/18419>.
- Diário da Manhã, 27 de junho de 1916. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/18420>.
- Diário da Manhã, 23 de junho de 1918. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19353>.
- Diário da Manhã, 26 de junho de 1918. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19356>.
- Diário da Manhã, 27 de junho de 1918. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19357>.
- Diário da Manhã, 28 de junho de 1918. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19358>.
- Diário da Manhã, 22 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19731>.
- Diário da Manhã, 26 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19732>.
- Diário da Manhã, 27 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19733>.
- Diário da Manhã, 28 de junho de 1919. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19734>.
- Diário da Manhã, 23 de junho de 1922. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19923>.
- Diário da Manhã, 27 de junho de 1922. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19924>.
- Diário da Manhã, 28 de junho de 1922. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/19925>.

Sergipe Jornal (1927-1928):

- Sergipe Jornal, 23 de junho de 1927. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/8520>.
- Sergipe Jornal, 25 de junho de 1927. Disponível em <jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/8522>.

Sergipe Jornal, 27 de junho de 1927. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/8524>.

Sergipe Jornal, 28 de junho de 1927. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/8527>.

Sergipe Jornal, 23 de junho de 1928. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/9366>.

Sergipe Jornal, 25 de junho de 1928. Disponível em  
<jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/9367>.